

a culpa
é toda de
Marte!

Paula Browne



ROCCO LEMMA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



a culpa
é toda de
Marte!

Paula Browne



ROCCO LITTA



A culpa toda é de Marte, esse planeta maluco que está me deixando louca. De uns dias para cá, parece que tudo virou de cabeça para baixo! E tudo estava indo tão bem... Quer dizer, mais ou menos bem, porque se eu tivesse prestado um pouco mais de atenção teria percebido que tinha um monte de coisas no caminho de dar errado! Porque as coisas nunca acontecem do nada. Ah! Mas desta vez parecem estar acontecendo. Definitivamente, a culpa é de Marte, eu não fiz nadinha para merecer isto! Resumindo: até ontem eu era uma garota feliz, quase a mais feliz do mundo. Agora, a imagem mais próxima que tenho de felicidade é a ideia de me jogar num abismo em que, ao que tudo indica, já fui lançada; me sinto tão sozinha. Meu namorado brigou comigo, minhas amigas não telefonam, meu irmão não me dá bola, meus pais me olham de canto de olho e até mesmo meu cachorro, que vivia babando em cima de mim, nem o rabo mais abana quando chego da escola. Até tu? Só sobrou o gato, este não liga para disse me disse nenhum e tem na garantia de um cafuné sua eterna fidelidade. Vem cá, bichano, vem! Vem que te faço um carinho... Estes felinos são mesmo seres únicos.

Ok. Estou com o jornal agorinha mesmo nas mãos, e Marte não tem mais importância nenhuma. Mas teve. Que fique bem registrado aqui! Pois, há duas semanas, Marte tinha tudo a ver com esta enrascada em que me acho. Meu horóscopo dizia claramente que este planeta vermelho traria tensão para o meu dia a dia, além de me deixar estressada e até um pouco agressiva. Sim! Até um pouco agressiva! Estava tudo escritinho desta forma. Pena que não guardei a página para colar aqui, assim ninguém teria dúvida se estou falando alguma inverdade, mas não guardei e por isso não posso provar... Não guardei porque ler horóscopo velho dá azar. Eu acredito muito nestas coisas e, entre outras superstições, também não passo embaixo de escada. Se tiver um gato preto, então! Nem pensar! Vem cá, bichano, vem! Não estava falando de você... Você nem é todo preto! Tem esta manchinha branca na ponta do rabo, que é linda! Vem cá, vem! Olha aqui o que está escrito: LUA CHEIA EM PEIXES POLARIZA CONFRONTOS E RUPTURAS. ASPIRAÇÃO POR SENTIDOS MAIORES É A TÔNICA. Você sabe o que é tônica? Ruptura, confronto? Nem imagina, né? Você só sabe o que é cafuné! Na minha próxima encarnação, vou querer nascer gatinho que nem você. Viver recebendo carinho, comidinha e atenção, e também vou querer uma tigelinha desta cheia de areia para fazer xixi e cocô. Gatinho,

você sabe o que é a felicidade? Não?! Pois vou te dizer, você é um bichinho feliz. Eu acho.

Tudo começou – com Marte. É sempre bom lembrar isto. Foi há duas semanas. A confusão aconteceu fora da escola, mas foi lá dentro que ela tomou forma. Caramba! Quando paro para pensar direitinho, percebo o quanto parecem sonho estas coisas de datas e ordem dos acontecimentos; tudo vai se misturando e acaba virando um sopão na cabeça da gente. Mas vou tentar contar assim mesmo. Então, começando de novo, tudo teve início, de verdade, há mais ou menos... um mês e meio. Eu estava de férias e meu horóscopo dizia:



CLIMA ASTRAL PROPENSO A ROMANCE. ESTEJA PRONTO PARA MUDANÇA DE PLANOS. PERFUME DE ENCANTO NO AR, ENLEVO E AMORES FUGAZES E IMPRESSIONANTES PODEM ACONTECER HOJE. UM AMOR COMO QUEM NÃO QUER NADA, POR NENHUMA RAZÃO TAMBÉM. VIVA O MOMENTO.



Meu nome é Diana e há quatro meses namoro o Tuti. Namorava... é difícil aplicar o pretérito deste verbo! A gente se conheceu no final do ano passado e, de cara, ficamos superamigos. O Tuti é primo da Pilar, minha melhor amiga – que não fala mais comigo, mas falava. Nós duas nos aproximamos através do teatro da escola; quando as provas finais terminaram, a Pipoca – Pilar – me convidou para passar um fim de semana na casa de campo dela e foi onde encontrei o Tuti. Eu disse que ficamos superamigos de cara, mas não foi bem assim; quando o vi pela primeira vez, achei ele muito metido, um estúpido! Daquele tipo que se acha. Resumindo, nos dois dias que passamos lá, discutimos o tempo inteiro. Eu ia contra tudo que ele dizia e vice-versa. No final, eu já era do contra pelo puro prazer de irritá-lo. E vice-versa. A Pipoca, percebendo o clima tenso, começou a brincar com a gente dizendo que aquilo ia dar em namoro. Nem sonhando! Ouviu, bichano? É o que eu dizia, nem sonhando! Mas não é que ela estava prevendo o futuro? Para quase cinco meses depois, mas estava.

Querida tanto que a Pipoca previsse meu futuro novamente... Mas ela disse que nunca previu nada! Só aquela vez que não era nem previsão, apenas uma lógica matemática como dois e dois são quatro. Também não adiantaria nada, porque parte do que desejo para meu futuro é voltarmos a ser amigas e, no presente, isto parece ser impossível.

Depois desta viagem, eu e o Tuti nos encontramos outra vez e aí foi por acaso mesmo. Acaso ou coincidência, tanto faz. Estava no shopping com meu irmão e queríamos comprar uns CDs. Quando o vi, ele estava entrando na mesma loja com uns amigos e, apesar de ter um milhão de pessoas lá dentro, olhou logo para cima e me viu. Olhou logo para mim, que estava olhando logo para ele. Disfarcei, me virando como se outra coisa tivesse chamado a minha atenção, e esperei o mesmo da parte dele. Esperei à toa porque, pouco depois, ele já tinha subido a escada e vinha falar comigo. Desta vez foi supersimpático e nem parecia o primo da Pipoca que eu tinha conhecido. Apresentei meu irmão – que havia se aproximado para saber quem era o cara que estava “em cima de mim” – e ficamos conversando um bom tempo sobre música. Depois me despedi. Já estava na hora de ir embora; eu e meu irmão tínhamos comprado ingressos para o cinema no mesmo shopping, no mesmo andar; e o filme já ia começar. Tchou, Tuti, eu disse para ele. Com aquela simpatia toda, o garoto estava até mais bonito. Tchou, Tuti... Depois

fiquei pensando... Tchau Tuti, que intimidade mais ridícula! Devia ter dito só tchau. Até porque, quando chegou, ele disse:

– Oi, lembra de mim? Arthur, primo da Pilar.

Está vendo só, gatinho? Como a vida pode ser complicada? Fiquei cheia de paranoia só por ter falado uma coisa bem boba.

Meses depois, ele iria me confessar que adorou a intimidade com que me despedi dele naquele dia.

Viu só? Não era tão boba assim.



A primeira vez que o Tuti me convidou para sair provocou um alvoroço daqueles na minha casa. Primeiro, porque tenho 13 anos, e o Tuti já tinha quase 16, que era a idade do Bina, e meus pais quiseram saber o que um garoto bem mais velho que eu poderia querer comigo. Ok, muito obrigada. Deu vontade de responder que ele provavelmente me via de uma maneira que eles pareciam não me ver: como uma garota bonita, inteligente, divertida e com muito assunto para conversar. Óbvio que não penso tudo isso de mim, e minha mãe em outras ocasiões – não nesta, naturalmente – diria:

– Minha filha, você precisa se valorizar mais, ter autoestima!

Então, falei o mínimo necessário e neste mínimo incluí que o Tuti ia fazer 16 anos e o meu irmão, 17, o que era uma grande diferença. Honestamente, nem achava e nem acho tão diferente assim. Foi só para pararem de comparar. E deu certo.

Mas aí veio o segundo motivo, afinal, quem era este tal de Tuti? Expliquei que era o primo da Pipoca e desta vez nem falei Pipoca para não parecer muito informal, falei que era o primo da Pilar, e meu pai logo questionou:

– Que Pilar?

E eu tive que responder:

– A Pipoca!

– Ah, bom... E cadê ela? Por que não vai junto com vocês?

– Pai! Qual é o seu problema?! A Pipoca não vai. Primeiro porque não foi convidada e segundo porque ela está em Bariloche!

Meu pai ficou pensativo. Minha mãe já tinha saído da sala; ela odeia conflitos e mais ainda discussões, e ali estavam acontecendo as duas coisas ao mesmo tempo. Olhei para o meu irmão sentado na cadeira de balanço que foi do meu avô e que fingia estar bem envolvido num livro. Só podia estar fingindo, porque com tanto barulho ao seu redor seria bem difícil se concentrar. Olhei para ele e tive uma ideia. Uma ideia brilhante. Virando-me de volta, soltei a bala:

– Pai, pode ficar tranquilo, o Bina conhece o Tuti. Não precisa se preocupar...

– Ah! O Bina conhece?

Meu irmão, lá da cadeira, balançou a cabeça confirmando enquanto eu também fazia que sim num movimento parecido com o dele.

– Então, já que são todos amigos, o Bina vai junto. Assunto encerrado.

– Mas...

Olhei para o Bina sem acreditar no que meu pai havia dito. Ele me devolveu um olhar repleto de compreensão e, apenas com o movimento da boca, me respondeu: relaxa.

Eu disse para meu pai:

– Ok.

A resposta valia para o Bina também.

Saí da sala irritada. Meu tiro tinha saído pela culatra.

Galinhas não usam teclado



Intimidade e privacidade são coisas aparentemente bem simples. Aprendi o que é “vida íntima” quando eu tinha uns sete, oito anos. Quem me ensinou foi uma galinha, a Laura. A Laura era a galinha da Clarice Lispector, que foi quem traduziu o cocoricó da intimidade deste jeito: “Vida íntima quer dizer que a gente não deve contar a todo mundo o que se passa na casa da gente. São coisas que não se dizem a qualquer pessoa.” Simples assim, aparentemente. Pois só na vida de galinhas e gatinhos – ouviu, bichano? – a vida é simples. Quando falei com a Pipoca, uns dias depois, que eu tinha encontrado o Tuti no shopping, ela ficou muito triste comigo. Por que ela ficou triste? Você quer saber, gatinho? Não sei realmente se posso te dizer, porque o que ela mesma disse não fazia nenhum sentido. Ela disse que o que acontece de importante conosco temos que contar para as amigas. Será que sim? De todo jeito, eu estava contando. Então, ela retrucou:

– Cinco dias depois.

Mas, afinal, que importância tinha isso? E quem tinha dito que aquele encontro havia sido importante? Naquela ocasião, a Pipoca me pediu que eu jurasse que, da próxima vez, não esconderia nada dela. Mas eu não jurei e, em vez disso, contei a história da Laura.

Aliás, foi de um jeito completamente avesso ao pensamento da galinha que o Tuti começou a trocar ideias comigo. Ele me procurou e me achou na web, através da Pipoca. Começamos a nos falar uns dez dias depois do nosso encontro e, a partir daí, não paramos mais. Ficávamos na internet todas as noites e íamos até altas horas conversando. Meus amigos, vez e outra, entravam no papo e, quando vi, todos já eram bastante íntimos do Tuti e vice-versa. Não sei se a Laura iria gostar disto... De toda forma, a Laura era uma galinha e galinhas não usam teclados e agora já chega de galinhas.

Embora as aulas já tivessem terminado, as tentativas da Pipoca de juntar eu e o Tuti de novo, na casa de campo dela, não deram certo. Sempre um de nós tinha um contratempo que nos impedia. E não demorou para o Tuti viajar para bem longe e a Pipoca também e também a maioria dos meus amigos... Nas férias de verão, não viajei para lugar nenhum e, para não passar a falsa ideia de que fui uma pobre sofredora, vou logo dizendo que passei uns dias na praia com a minha família. Depois disso, não saí da cidade; em compensação recebemos em nossa casa alguns hóspedes internacionais: o tio Renato,

irmão do meu pai que está morando no Canadá, e, mais no finalzinho de janeiro, a Florita, uma superamiga da minha mãe que mora na Espanha e que, a partir destas férias, se tornou minha amiga também.

Sabe, gatinho, quando paro para olhar para trás o tempo cresce. Nem parece que foi neste ano que fui para a praia. Está tão longe. O hotel, os dias ensolarados, o mar e, principalmente, a cabeça despreocupada. Como dizem os Secos e Molhados, "leve como leve pluma muito leve, leve e...". Você conhece essa música? Gatinho, você dormiu? Está tão enroscado aí na almofada que até parece um caracol. Que vida boa, hein? Pois saiba que eu também sei o que é vida boa, viu?

Vida boa para mim é estar em paz comigo mesma, e estou. Só que para ficarmos verdadeiramente em paz com nós mesmos é preciso que os outros também estejam; e é aí que mora o problema... Como faço para os outros me entenderem? Será que a Laura teria uma resposta para isso?

Ok, estou conversando com um gato e pedindo conselhos a uma galinha. Devo estar ficando doida! Ai, Pipoquinha, por que você brigou comigo?

Pergunta sem interesse de resposta



A mensagem no celular dizia: preciso te encontrar.

A primeira pergunta que passou pela minha cabeça foi: o que aconteceu?

E depois: por que, diabos, alguém escreve “preciso te encontrar” sem dizer onde, quando e como?

Não pensei duas vezes:

– Alô, Tuti? Tá tudo bem?

– Tá! É que eu preciso falar com você.

– Pode falar.

– Não, pelo telefone não...

– Então como é que você quer fazer?

Foi no dia seguinte, terça-feira, 21 de abril, que começamos a namorar. Não vou entrar em detalhes do que ele disse e nem de como reagi porque estes detalhes são nossos, e isto, gatinho, quer dizer “nossa intimidade”.

E sem os detalhes que por muito pouco quase me foram tirados “como água mole em pedra dura...”, contei a novidade para a Pipoca. Ela ficou tão feliz que até me espantei, porque embora eu mesma estivesse muito feliz com a história toda, a Pipoca ficou quase mais feliz que eu e o Tuti, juntos. Bizarro. Quase tão bizarro quanto a reação inversa que meus pais tiveram quando souberam do namoro numa rapidez que eu não desejava e nem poderia prever. Precisei contar a eles muito antes do que eu imaginava – não me olha com esta cara, bichano, você nem estava lá... –, eu não minto para meus pais nem para ninguém, apesar de, atualmente, muita gente estar pensando coisas horríveis sobre mim neste sentido – não me olha com essa cara de novo, gatinho! –, é verdade, às vezes, posso até demorar um pouco para falar das coisas que estão acontecendo na minha vida. Mas não minto. E neste caso, poderia ter esperado um pouco mais.

O relógio marcava sete e quinze. Embora o dia já tivesse terminado, a noite ainda chegava devagarzinho. Após um banho longo e quente, eu estava bem tranquila me aprontando para ir jantar com o Tuti – era o aniversário dele. Ouvi meus pais entrarem em casa e fui até a sala falar com eles, ainda com a toalha enrolada na cabeça, mas quando me aproximei senti logo um clima tenso, sabe, gatinho? Algo me dizia que o dia

deles não havia sido tão bom quanto o meu.

– Aonde você vai?

O tom de voz do meu pai não foi nada gentil e, muito menos, curioso. Como quando alguém te pergunta uma coisa que você já percebe, antes de a pessoa chegar na interrogação, que a sua resposta não vai fazer a menor diferença.

– Calma, pai! Por enquanto, só estou me arrumando...

– Arrumando para quê? Diana, o feriado foi ontem. Hoje é quarta-feira e você deveria saber que amanhã tem aula.

– Eu sei, pai! Mas é importante...

Enquanto eu respondia, meus olhos procuravam pelo Bina em busca de socorro. O Bina é muito bom em argumentos gerais e o fato, também, de ser um ótimo aluno faz com que o papai babe por ele, o que ajuda bastante no peso de suas opiniões. Muito injusto isso.

Mas meu pai continuava a todo vapor e do Bina não vi nem a sombra.

– Importante, minha filha, são seus estudos, e não pago uma mensalidade estratosférica à sua escola para você não estar nem aí!

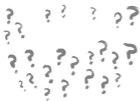
– Calma, pai.

– Calma, não!

Caramba, aquilo iria dar um trabalho enorme. Quando entram finanças em uma conversa que não tem absolutamente nada de cifras, é um mau sinal. Saí de perto para pegar fôlego e ver se meu pai, afinal, se acalmava enquanto eu terminava de me vestir discretamente.

Mas minhas percepções estavam mesmo apuradas.

Não houve discricção, apelo, bons motivos, nem mesmo lágrimas que mudassem uma decisão que já havia sido tomada no início da conversa. Precisamente, no momento da pergunta sem interesse de resposta.



Gatinho, você pensa? Não me leve a mal, só quero saber se, durante estas longas preguiças que você tira com cara de paisagem, passa alguma coisa pela sua cabecinha, porque vou te dizer, a minha parece até um canal a cabo. E para ser sincera, eu mesma, agorinha, estou questionando sobre um monte de coisas que andaram dizendo por aí. O problema é que todas as pessoas se acham com muita razão sobre tudo, mas apenas poucas – presta atenção, gatinho, muito poucas – percebem que pode existir um oceano gigante entre o que se fala e o que se entende; no fim das contas, o que acontece é que a realidade fica muito a serviço das interpretações.

Bichinhos não demonstram ter questões de ordem filosófica, mas nós temos e vou te falar uma coisa: posso estar bem enganada, mas me parece que a versão mais fiel sobre minha vida só eu posso dar.

Por que ninguém enxerga isso? Por que tem sempre alguém afirmando que existe apenas um jeito certo de fazer as coisas?

Isso me tira do sério e acho mesmo que esta visão que tenho do mundo é muito exclusiva, pois neste momento, nesta exata tarde agradável que passamos juntos, só você neste planeta compartilha comigo minhas filosofias particulares. Estou com uma sensação enorme que me puseram para viver num filme legendado! Só pode ser! Pois o que digo não condiz, em absolutamente nada, com o letreiro posto abaixo. Exatamente como no filme que assisti com a minha mãe, onde o título original – Um bonde chamado desejo – foi traduzido para Uma rua chamada pecado. Agora eu te pergunto: será que do alto do aconchego desta sua almofada gostosinha você consegue perceber a diferença titânica de sentido que há entre os dois títulos? Não, né? Gatinho, na boa, a verdade é que você não percebe nada daí. Mas vou lhe contar uma coisa, eu percebi e nem tive mais vontade de assistir. Pois te farei outra pergunta, aliás, logo duas: desde quando bonde é rua? E desde quando desejo é pecado? Hein?! Tá vendo só, bichano, até no cinema cometem falhas na interpretação dos fatos. Isto é um negócio que não consigo entender e que, de certa forma, me deixa bastante indignada porque esta história de sair traduzindo a esmo qualquer coisa causa muita confusão e, depois, para colocar os pingos nos is dá uma

trabalheira danada.

Você é um gatinho tão novinho e tão meiguinho que nem posso querer que tenha tanta sabedoria para poder argumentar comigo e não posso, muito menos, imaginar que entenda tudo que estou falando; mas uma coisa eu garanto, se continuar deste jeito o mundo vai virar uma Torre de Babel. Se é que já não virou, porque não tem o menor cabimento eu estar na situação em que me encontro agora por pura consequência de traduções descabidas da realidade.



Ai, que saudades da Florita! Bichano, você se lembra dela? A amiga da mamãe que esteve com a gente em janeiro... Lembra? Queria tanto que estivesse agora aqui... Porque a Florita dá uns conselhos muito legais. Ela é uma pessoa fantástica! Também com este nome só podia ser assim: perfeita. Florita. Uma perfeita chata ou uma perfeita ótima, porque ninguém escapa de um nome, viu, bichano? Veja o caso do Amoroso, meu professor de biologia. Ele é um perfeito chato! Aí, gatinho, todo mundo pensa "também com este nome...", mas se ele fosse legal, de verdade, ele seria um perfeito ótimo. Porque alguém que se chama Amoroso é sempre perfeito. Nome, às vezes, parece uma coisa boba, só que não é, não. Eu, por exemplo, me chamo Diana. Di-a-na. Se eu tivesse outro nome qualquer, seria outra pessoa! Com certeza... Mas não, me chamo Diana Pound, meu signo é Sagitário, tenho ascendente em Leão e lua em Áries. Um fogo só. Quem me contou estas coisas foi a Florita – não é genial? –, eu te disse, gatinho, a Flor é mesmo fantástica. Além de ela ter feito física – que é o treco mais lógico e abstrato em que já esbarrei na minha vida –, ela também se formou em literatura. Agora, pesquisa línguas latino-americanas lá em Sevilha, não é lindo? E sabe o que mais?, ela sempre gostou de astrologia. Sempre. Por isso resolveu estudar o zodíaco. O que resultou numa Florita perfeita. Tão perfeita que fez meu mapa astral, me falou uma porção de características minhas, me deu vários conselhos e, por fim, me tornou uma leitora irremediável e assídua do horóscopo diário no jornal. E não é só meu signo que eu leio, não! Depois de ver o meu, confiro o de todo mundo que eu conheço. Ou pelo menos o "todo mundo" que está bem perto de mim. Porque às vezes saber como está o signo do outro ajuda muito a entender um eventual mau humorzinho que possa aparecer ao nosso lado. Aqui em casa é a maior mistura de influências celestiais porque cada um tem um elemento diferente: eu sou sagitariana (fogo), o Bina é pisciano (água), meu pai é de Virgem (terra) e minha mãe é de Libra (ar). Mas a única que dá importância para isso sou eu. A Pipoca também é de Sagitário, mas não liga muito. Gatinho... Eu não sei o dia verdadeiro que você nasceu porque quando o Bina te trouxe você já era um bebê desmamado e, na verdade, ele te encontrou na rua, então não tenho como saber, mas para você não ficar triste eu posso inventar um dia só seu, viu, bichano? Acho até que posso escolher um signo para você e também te arranjar um nominho legal, porque aquela ideia do Bina de te chamar de Peludo

não colou e ninguém aqui em casa te chama assim, e acho que até mesmo quando o Bina fala com você desse jeito ele não ganha nem resposta. Gatinho? Não é esquisito a Pipoca ter o mesmo signo que o meu? Algumas vezes acho isso bem injusto! Porque quando leio o meu horóscopo é a mesma coisa que eu estivesse lendo o dela, no entanto somos tão diferentes! E também fazemos proveitos muito diferentes das previsões astrais.

Se somos sagitarianas, como podemos não ser parecidas?

E se somos parecidas, como ela pode não me entender?

Isto é o tipo do negócio que me deixa com a pulga atrás da orelha.

O que foi, gatinho? Por que você está miando aí? Você quer ir beber água, quer?

Vou abrir a porta; acho que também já estou precisando sair deste quarto.



Meu primeiro aniversário de namoro com o Tuti foi logo um mês depois de a gente começar a namorar. É óbvio que não estávamos fazendo um ano juntos, mas mesmo assim comemoramos como se fossem bodas de qualquer coisa. Estávamos os dois tão apaixonados que até achávamos que poderíamos passar a vida inteira juntos e, diante desta perspectiva, veio a ideia de inventar uma boda só nossa que ninguém mais tivesse. Naquele dia, avisei em casa que ia almoçar fora, e o Tuti me buscou na saída do colégio. Estava todo fofo me esperando com aquela carinha ansiosa de quem espera por alguém importante. E este alguém importante era eu, o que me fez sentir mais importante ainda. A Pilar estava comigo e por isso ficamos conversando um pouco no portão antes de nos despedirmos dela. Depois fomos andando até uma lanchonete relativamente perto da minha escola. O Tuti não me deu presente nenhum, assim como também não dei presente nenhum para ele. Eu tive o maior medo de ele chegar com alguma coisa para mim e eu ter que receber de mãos vazias. Então, tomei a iniciativa de tocar neste assunto antes da data marcada e, no final de semana anterior, quando a gente se encontrou, ele sem saber me ajudou um pouquinho. Namorar o Tuti estava sendo ótimo – ai, gatinho, cadê você que não volta desta tigela de água? Vem conversar comigo, vem! –, porque o Tuti estava se revelando um garoto superatencioso, mas sem ser grudento. No tal sábado, ele chegou para mim e propôs de a gente comemorar nosso primeiro mês juntos, o que foi perfeito, pois, logo depois que topei, me vi com a deixa na mão para dizer:

– Tuti, queria combinar uma coisa com você...

– O que foi, Didi? Você está com uma cara de preocupada. Tem alguma coisa te preocupando?

– Não. Quero dizer, tem. Quero dizer, não sei. Sei lá. Mais ou menos.

– Pode falar. Não fica encucada, não.

– Você pode achar estranho, mas eu queria combinar da gente não se dar presentes na semana que vem. Quer dizer, eu nem sei se você estava pensando nisso, mas... Sei lá. Desculpa, fico meio sem graça falando isso.

E fiquei mesmo. Mais do que eu imaginava. Só que falei porque precisava. O que foi ótimo. Não na hora, é claro. Mas depois me senti aliviada. No fundo, isso começava a me incomodar, porque eu andava super sem dinheiro e não queria pedir ajuda aos meus pais.

Eles continuavam meio desconfiados com o meu namoro e por isso preferi não dizer nada. Por outro lado, minha mesada já estava quase acabando, o que me deixava sem ter de onde tirar e, o pior, eu não saberia o que dar para o Tuti.

Afinal, o que eu compraria pra ele?

Não precisar responder a esta pergunta era tudo o que eu queria. E não precisei. Em compensação cresceu em mim o dilema de "e se ele me der um presente?". Por isso, falar, apesar de me deixar envergonhada, tinha sido a melhor saída. O Tuti é muito legal e, na hora que falei, ele foi supersincero, dizendo que tinha a mesma preocupação e se sentia aliviado de eu ter sido direta. Ele também foi muito educado e no mesmo lance pediu para que eu aceitasse então o nosso almoço como um convite. Não vi o menor problema nisso, mas disse que em outra oportunidade o convite seria meu.

No dia da lanchonete, conversamos muito e nos divertimos mais ainda. Estar com ele tinha esta coisa mágica de o tempo passar sem que nenhum de nós percebesse. No final, o Tuti pagou a conta e me acompanhou até a minha casa. Mas, antes que o garçom trouxesse a nota, fizemos um brinde com milk-shake.

Foi a nossa boda de ovomaltine.



Uma coisa que me tira do sério é este silêncio horroroso que tem tomado conta da minha casa. Tudo bem que, eventualmente, isso nem seja pessoal, mas me incomoda do mesmo jeito. O Bina anda numa concentração quase religiosa por causa do vestibular que está chegando, meus pais trabalham cada vez mais e por isso estão em casa cada vez menos, e no fim das contas só resta nossa empregada, que não é de muita conversa, então não conta; sobramos eu, o cachorro e o gato. Estes dois últimos não falam, é verdade, mas pelo menos o gato me ouve. Antes eu colava horas no telefone com a Pipoca, mas agora ela não quer me ver nem pintada de bolinhas azuis. O que é uma pena, porque a Pilar é muito minha amiga e se ela continuar com esta mudez quem vai acabar ficando brava sou eu! E nem sei mais se quero ter uma amiga assim tão pouco compreensiva. Hoje estou quicando e caberia mais a mim do que a ela o apelido de pipoca, pois me sinto exatamente como um milho pronto pra explodir. Deve estar havendo alguma conjunção maluca de planetas inconsistentes que está me deixando assim. Posso também estar para ficar menstruada. É. Isso é bem possível, porque estes hormônios mexem mesmo com uma pessoa. Preciso olhar a última marquinha que fiz no calendário para ver se já está perto da data.

A Rita Lee tem toda razão: mulher é mesmo “um bicho esquisito que todo mês sangra”. A primeira vez que menstruei fiquei revoltada. Eu tinha recém-feito 11 anos e aquela calcinha manchada me fez chorar à balde. Achei uma tremenda injustiça porque vivi aquilo como se minha infância estivesse sendo boicotada. Ainda por cima, estava de férias no litoral em pleno verão e aconteceu numa manhã de sol que tinha um céu azul daquele quase branco de tão claro. Eram duas naturezas falando coisas opostas para mim: uma fazendo um convite aberto para eu ir à praia me bronzear e dar um mergulho; outra dizendo “você não podeee! Ha ha ha”. Foi horrível. Mas, no final do dia, já estava mais conformada. Tinha conseguido cair na piscina e um imenso vocábulo de truques femininos para driblar esta situação já fazia parte do meu repertório. Agora nem ligo. Acho chato e ponto. Não tenho o azar de certas garotas que sentem cólicas, dores de cabeça e irritação. A única coisa que sempre muda é que me dá uma vontade danada de comer um doce mais doce que um doce de batata doce. E eu costumo preferir os salgados. Às vezes também sinto uma audácia... É. Como um ímpeto diferente no peito. Não dá para explicar.

Talvez seja algo parecido com a tal sensação do milho na panela.

Tirei minha agenda da mochila, com uma curiosidade só minha. Queria ver se o meu termômetro de autoconhecimento estava funcionando mesmo. Não. Não estava. O último registro que havia marcava quilômetros de distância da minha inquietude. Logo descartei a TPM, e para ser sincera já estou quase descartando os astros. Cada vez mais me aproximo da verdade de que minha agitação está mesmo ligada a esta desordem que está dentro de mim. Como um armário bagunçado.



Depois de seis semanas, meus pais começaram a olhar o Tuti com outros olhos. Já não o achavam tão velho assim para mim, e minha mãe, um dia, chegou até a arriscar um comentário bizarro de que ele era o meu número. Como quem diz “feitos um para o outro”. Na primeira vez que o viram, acho que tiveram a mesma impressão que eu havia tido. Mas o Tuti era assim mesmo, precisava de uma segunda chance pra revelar o seu melhor. Descobri isso depois de algum tempo, e outras descobertas iam se revelando conforme crescia a intimidade entre nós. No nosso segundo mês, repetimos a dose de almoçar juntos, mas desta vez o “convite” foi meu. Com o apoio dos meus pais, ficou mais fácil conseguir um extra na mesada e, portanto, assumir de pagar a conta sem risco de ir lavar pratos. Mas ainda assim mantivemos o combinado de não dar presentes. O Tuti foi me buscar na escola como já havia feito, só que desta vez fomos comer em um restaurante chinês que tinha lá perto de casa. A ideia era ser um programa diferente. E foi. Logo que chegamos, ele disse que nunca tinha usado pauzinhos no lugar de talheres e, quando terminamos, confessou que nunca tinha experimentado comida chinesa.

– Bina, você viu o bichano por aí?

– Não, não vi. Estou aqui estudando e não estou vendo nada. Não me atrapalha.

– Caramba! Desculpa! Bina, você está muito chato.

– Não é isso, Diana, chato é ter que estudar toda esta matéria.

Olhei para o meu irmão com minha expressão irresistível de “urso fofo”.

– Di, eu sei que você está querendo conversar, mas eu não posso parar agora.

– Não, tudo bem. Não quero conversar, não... – Mas meu irmão me conhece muito bem.

– Claro que quer! Olha essa sua cara de carente! Também, você fica arrumando confusão...

– Eu sei... Mas não é bem assim! – Expressão irresistível de urso fofo II.

– Diana, depois a gente conversa, tá?

– Tá.

– Di?

– Ahn?

– O gato se chama Peludo.

– Ah! Bom...

Peludo... Peludo... Até parece! O gato nem é tão peludo assim... Voltei para o meu quarto resmungando.

Gatinho, você voltou! O Bina insiste em te chamar de Peludo, não entendo isso, mas prometo que vou tentar convencê-lo a mudar de ideia, viu, bichano? Porque é muito chato ser chamado de um nome que a gente não gosta. E Peludo nem parece nome! E mesmo como apelido, eu acho que também não serve, não. O Tuti me chamava de Didi, eu achava fofo. Depois ele inventou de me chamar de Biscoitinho. Que coisa mais cafona! Tudo por causa do dia em que a gente foi comer no chinês! Quando a garçonete trouxe a conta, ela nos entregou dois biscoitinhos da sorte. Um para cada um. Antes de abrir, o Tuti propôs de trocarmos nossos biscoitos.

– Você está maluco? Com sorte não se brinca!

– Didi! Não acredito que você leve isto a sério!

– Claro que sim! Vai, abre o seu primeiro...

Ele abriu, leu e me mostrou.

Terás uma vida longa e sem enfermidades.

Olhei para ele, rindo.

– Isso é ridículo, Diana. Se daqui a cinquenta anos eu ficar doente, vou voltar neste restaurante e tirar satisfações com essa garçonete – falou quase zangado, mas com cara de quem achava tudo aquilo uma bobagem completa.

– Calma, Tuti – respondi, achando graça. E, um pouco irônica, prossegui. – É uma boa sorte, veja bem, você quando ficar velho não vai ser um daqueles velhos doentes e babões que só ficam reclamando de dor. Outra coisa, não sei se você reparou, mas a garçonete já é uma senhora. Se ela estiver viva daqui a cinquenta anos até eu vou querer falar com ela, só que para pedir a poção da eternidade!

Ele riu. E com o sorriso ainda estampado, perguntou:

– E você? Não vai abrir o seu?

– Não sei. Estou com medo. Vai que o biscoito diz que vou ser uma velha doente, babenta, caquética e careca...

– Não acredito nisso!

– Não acredita porque você vai ser um coroa sarado!

– Até parece!

– Sei lá... E se vier uma profecia?

– Diana! Isso é ridículo! Abre logo, vai!

Olhei pra o meu lindo biscoitinho antes de quebrá-lo no meio e tirei de dentro, com a maior delicadeza, o meu papelzinho da sorte.

Sua determinação e seu espírito livre lhe abrirão portas para escolhas difíceis.

Li e exclamei:

– Caramba! Presta atenção!

E reli, agora, em voz alta. E outra vez, mais demoradamente.

– O que isso quer dizer? – perguntei curiosa, e ainda confusa, com as palavras que havia acabado de ler.

– Quer dizer que este seu jeito maluco qualquer hora dessas vai te colocar numa enrascada.

– Que horror, Tuti!

– Isso é tudo bobagem, Didi.

E com um movimento na cadeira, propôs de irmos embora. Com o dinheiro certinho sobre a conta, peguei minha mochila e levantei também. Em tempo, dobrei meu papelzinho com cuidado e, por cautela, o guardei no bolso da calça. Não se deve deixar sorte alguma solta por aí em uma mesa qualquer.



20) aniversário da Pipoca cai no primeiro dia de Sagitário, 22 de novembro, enquanto eu faço dia 8 de dezembro, quase três semanas depois. Ela entrou para minha escola no ano passado e estudamos na mesma série. A Pilar tem 14 anos, portanto, um ano a mais que eu. Ela não vê o menor problema neste negócio de ser um pouco atrasada em relação à maioria da turma, pelo contrário, até se exhibe dizendo que assim se sente com muito mais maturidade – gatinho, sabe no que estou pensando? Que dá uma vontade bem grande de ligar para a Pipoca, agora, e comentar como ela está sendo madura! Bem madura mesmo... E falar quanta admiração me causa essa maturidade dela.

Você sabe o que é ironia, bichano? Não? Pois vou te dizer: estou sendo bem irônica.

Além da Pilar, tenho uma outra amiga que gosto tanto quanto ou mais! A Manu. O nome da Manu é Manuela, mas só na certidão de nascimento porque o mundo chama a Manu de Manu. A gente se conhece desde o jardim de infância e sempre fomos muito unidas. No final do ano passado, foi a primeira vez que nos separamos para valer, pois foi em dezembro que ela se mudou para o Rio de Janeiro me abandonando com minhas caraminholas aqui em São Paulo. Morro de saudades dela... Estivemos juntas há bem pouco tempo, nas férias de julho, viagem que programamos antes de ela partir. Mas, agorinha mesmo, a Manu nem imagina o rolo em que me encontro! Apesar de que, há um mês e meio mais ou menos, ela mesma tenha me dito:

– Dida, você vai arrumar confusão!

A Manu me chama de Dida desde sempre, mas a questão agora não é essa, diz, gatinho, diz para mim, por que todo o mundo sabe o que vai acontecer na minha vida menos eu?

A Manu está no meio das provas finais. Na escola do Rio, as avaliações são trimestrais e acho que seria de um enorme egoísmo ligar para desabafar justo nesse momento em que sei que a minha amiga está lotada de matérias e testes e textos e equações! Portanto, não serei eu, logo eu, Diana Pound, que vou atrapalhar seu estudo, logo com minhas perturbações. Logo com minhas perturbações que ainda foram largamente pressagiadas por ela! Como pode, bichano? Como as coisas podem ser tão óbvias para uns e tão invisíveis para outros?

E como podem estas coisas invisíveis movimentarem tantas outras coisas visíveis ao

nosso redor?

Quando estive aqui em janeiro, a Florita me disse que o universo é totalmente interligado.

– Presta atenção, Diana, o bater das asas daquela borboleta ali – disse apontando para a janela – vai ter influência sobre o que acontece do outro lado do planeta.

Será?

Fiquei olhando com uma cara meio abobada, com um olhar que se alternou entre ela e a borboleta; uma linda e minúscula borboleta amarela e ela. E, antes ainda de eu ter tido tempo de tecer uma observação ou mesmo qualquer comentário, a Flor concluiu:

– As conseqüências estão sempre associadas às causas.



Abri o livro.

Meus olhos colaram na primeira palavra do segundo parágrafo e depois percorreram até o final da sentença e depois de outra; li até onde o ponto trouxesse algum sentido ao fato de meus dedos terem escolhido aquela página para mim.

Estou com o Menino no espelho nas mãos. Este livro é um dos que mais gosto porque o Fernando Sabino conseguiu me emocionar muito com a história dele e, quando um livro me emociona ou me diverte ou me intriga, eu guardo ele bem perto de mim. Gosto de ter meus livros à minha volta e olhá-los de vez em quando e revê-los e faço isso porque eles me acolhem de verdade, e sempre dentro de qualquer livro tem um monte de mundos, um monte de palavras, um monte de amigos e um monte de sentidos. Tem horas que só um livro pode ajudar! E é isto que eu estou fazendo, procurando ajuda porque o Bina não está dando menor sinal de quem vai largar aquelas malditas apostilas e muito menos de quem vai aparecer no meu quarto, por isso optei pela livromancia. Gatinho, você ainda tem muito que aprender nesta vida! Porque está na cara que você nem sabe o que é livromancia. Pois vou logo te dizendo que não adianta eu te explicar, porque para ser um livromante é preciso saber ler. E isso você não sabe. Aliás, mais do que saber ler literalmente o que está escrito, é necessário saber ler nas entrelinhas. É aí que o negócio vira arte. Ô, bichano... Quando você me olha assim fica bem difícil te negar qualquer coisa, e você é um gatinho tão legal que merece mesmo saber de tudo – livromancia é a ciência de conhecer o passado, o presente e o futuro através dos livros. É bem simples: você se concentra em uma pergunta ou, no meu caso, em uma questão que está na sua cabeça – mas tem que concentrar de verdade, ouviu, bichano? Não pode ser uma concentraçõzinha besta que qualquer inseto te tire, não, tem que ser profunda –, em seguida você abre um livro qualquer em uma página qualquer. Pronto. Seus olhos batem na resposta. Simples assim. Mas não tão simples. Porque interpretar o que foi lido como mensagem é muito difícil, e nem sempre as palavras se encaixam com facilidade na realidade que necessita delas.

Pág. 95: “Distraído com a tarefa, não reparei que me distanciava dos outros, embrenhando-me cada vez mais no meio do mato. Quando percebi que já não mais os

via, nem mesmo ouvia suas vozes, procurei regressar, mas não sabia por onde, tantas eram as voltas que havia dado.”

Reli o parágrafo sorteado. Naturalmente falava de mim, pois dá para ver claramente que eu venho me afastando dos outros; com esta confusão toda que está este momento, sou até capaz de assumir que também sou um pouquinho responsável por estar longe das pessoas de que gosto, mas não sou a única causadora desta atual circunstância em que me acho, por isso eu não “procurei regressar”, inclusive porque o que está feito está feito. Por outro lado, se tivesse procurado, talvez não soubesse por onde. É. Tudo fazia bastante sentido, mas, ainda assim, não me dei por satisfeita. Puxei outro livro da estante – Alice no País das Maravilhas.

Pág. 133: “Uma coisa era certa: a gatinha branca nada tivera a ver com aquilo; a culpa fora toda da gatinha preta.”

Foi necessária apenas uma passada de olhos para concluir que a sentença sobre a qual meu dedo pousou, desta vez, não estava dirigida a mim.

Bichano, na boa, você pega rápido! Porque, sem dúvida alguma, esta resposta não tem nada a ver comigo! Vou te dizer uma coisa: não sei o que você anda aprontando, mas você é um gatinho esperto.



Quando terminaram as aulas do primeiro semestre, eu só tinha uma coisa na cabeça: viajar para o Rio de Janeiro. Comecei a separar as roupas que levaria uma semana antes, e cada vez que pensava na viagem socava mais e mais coisas dentro dela. Minha mala já estava quase estourando.

Entrei de férias numa sexta-feira, 3 de julho, e no dia seguinte, pela manhã, embarquei num avião para encontrar a Manu; mas antes disso, saí com o Tuti para nos despedirmos. Nós viajaríamos cada um para um lado e nossa próxima boda, de três meses, teria que esperar o regresso dos dois para ser comemorada como se deve: juntos.

Assim que aterrissei, a Manu já estava me esperando com o pai dela no aeroporto e logo fomos para sua casa, que eu não conhecia. Nos dias que passei no Rio, ela me apresentou a tudo que era relativo à sua nova vida: bairro, casa, colégio, amigos dela, alguns amigos dos pais. Ah! E o cachorro. Agora a Manu tinha um cachorro.

Depois de uma semana, fizemos as malas, no meu caso de novo, e viajamos de carro para Búzios. A Manu falava sem parar que o nosso próximo destino era um paraíso!

E o paraíso ficava a três horas de estrada.

Já chegamos pulando de alegria com a casa que nos aguardava. Um casarão. Com jardim, piscina e uma varanda cheia de redes armadas só esperando pela gente para se balançar! Vontade de passar a vida ali.

Nem bem cruzamos o portão, e a Manu já sabia até a cor da camisa favorita do Tuti. Tinha contado tudo para ela, tudo mesmo, e dei graças aos céus da Pipoca não estar lá para ouvir, pois ela morreria de ciúmes de um papo tão sem restrições e sem referências às galinhas.

O que eu posso te dizer das minhas férias, bichano? Só que foram perfeitas. Perfeitas! E aí me acontece esta confusão toda quando eu volto! Isso não é nem um pouco justo, sabia?

Fomos para Búzios num sábado. Os pais da Manu trabalharam a semana toda que fiquei no Rio de Janeiro; suas férias começavam naquela manhã ensolarada de inverno e durariam duas semanas. Aliás, o clima não poderia estar melhor, pois no Rio, onde ainda pegamos alguns dias nublados, a temperatura estava amena sem aquele calorão típico da cidade, mas na sexta-feira o sol abriu e com ele veio o anúncio de um veranico que

começava no meio da estação.

Foram exatamente quatro dias depois de eu e Manu termos explorado quase todas as ruas do centro da cidadezinha que, andando pela orla da praia no finalzinho da tarde, eu o vi. Vi o garoto mais lindo da face da terra. Vinha sem camisa, com o short molhado, cheio de areia nas pernas finas, cabelo desgrenhado ligeiramente comprido e queimado pelo sol; tinha a pele bronzeada, um nariz grande que harmonizava perfeitamente com seu rosto anguloso e uns olhos d'água que só a poesia para traduzir. Carregava nas mãos uma camisa azul-clara e um par de chinelos havaianas e vinha num vir tão absolutamente descompromissado que parecia estar alheio a qualquer coisa de material e físico no mundo. Só vinha. Como quem está embebido pela natureza à sua volta ou apenas embebido em si próprio, numa provável gama de pensamentos que o deslocava dele mesmo. Vi tudo isso num piscar de olhos. Como na velocidade da luz – gatinho, você sabe o que é velocidade da luz? Ai, gatinho, conversar com você é tão trabalhoso! Você só me encara com esses olhos redondinhos e posso ver neles que você não sabe de nada, né? Você só é um gatinho fofo com umas orelhas bem grandes. Mas eu te explico tudinho. Quase tudinho – a Florita me contou que na velocidade da luz o tempo para. Para, para quem está na velocidade da luz. Eu acho que é impossível um ser humano como eu ou um bichano como você ter uma experiência dessa, a não ser que seja como a que tive. Porque quando ele passou por mim, o garoto mais lindo da face da terra, aconteceu exatamente isso: o tempo parou.



Foi no dia seguinte. Foi exatamente no dia que, logo cedo no café da manhã, com suas letrinhas borradas, o jornal pressagiava na página do horóscopo:

CLIMA ASTRAL PROPENSO A ROMANCE. ESTEJA PRONTO PARA MUDANÇA DE PLANOS. PERFUME DE ENCANTO NO AR, ENLEVO E AMORES FUGAZES E IMPRESSIONANTES PODEM ACONTECER HOJE. UM AMOR COMO QUEM NÃO QUER NADA, POR NENHUMA RAZÃO TAMBÉM. VIVA O MOMENTO.

De novo, ele estava andando sozinho e não sei para onde ele olhava quando nos vimos, pois eu mesma estava bastante distraída com as coisas que a Manu me contava enquanto nós duas também caminhávamos. Mas foi assim mesmo. No mesmo instante. Desse jeito que os olhos pregam e tudo em volta, por frações de segundos, some. Frações de segundos.

A Manu percebeu tudo. Só não percebeu o tempo; o dela correu, o meu não. Mas, ainda assim, percebeu mais até do que eu poderia admitir para mim mesma.

– Dida! Você está vermelha!

Num pequeno reflexo, pus as mãos no meu rosto. Estava quente.

– Estou muito queimada?

– Dida, você não está vermelha de sol.

Estávamos na praia e demorei ainda um pouco para entender o que ela queria dizer. Mas aquilo não tinha nenhuma lógica, nenhum sentido.

– Manu! Não tem nada a ver!

– Pode não ter, mas sei lá... Foi bizarro!

Olhei para ela e explodimos numa gargalhada simultânea. É o que fazíamos melhor: rir de tudo e de nós mesmas.

– Vamos sentar aqui? Já cansei de andar!

Topei, mas nem sentei. De fato, fosse pelo sol ou não, senti um calor súbito que me fez decidir por um mergulho. A Manu ficou sentada; além da preguiça, ela só gostava de

se molhar quando o suor já escorria. E não era o caso.

Fui em direção ao mar e, enquanto ia, não pude deixar de olhar para o lado. Olhei para os dois lados, forjando uma distração desinteressada, mas só um me importava. Nenhum sinal dele. Acelerei meu passo, fiz uma pequena corrida e entrei na água gelada de uma vez só. Após algumas braçadas, passei da arrebentação e fiquei um tempão furando as poucas ondas e boiando no intervalo delas; esvaziando minha cabeça e deixando que meus pensamentos boiassem também. Depois veio a sensação de que já estava há horas dentro do mar e resolvi voltar para a areia. Não tinha ficado tanto tempo assim na água, mas, com meu corpo à deriva, a correnteza, ainda que suave, havia me levado ligeiramente para distante de onde estávamos.

Andei um pouco para achar a Manu e quando achei levei um susto tão gigante que tive vontade de entrar no buraco que uma criancinha cavava por perto. Minha amiga estava de pé e, ao seu lado, o garoto mais lindo da face da terra que eu tinha visto um dia antes e, novamente, há tão pouco tempo e agora de novo. Aproximei-me um pouco encabulada.

– Dida! Achei que você tinha se afogado!

Sorri. E só. Não deu nem tempo de dizer nada antes de a Manu completar:

– Este é o Pedro.

Está vendo só, bichano? Como a vida é cheia de surpresas?

– Diana, agora você deu para falar sozinha?

– Bina! Terminou de estudar?

– Só estou dando um tempo.

– Veio conversar comigo?

– Na verdade, não. Só vim dizer que vou dar uma volta.

– Puxa! Bernardo!

– Desculpa, Di, estou com a cabeça cheia.

– Mas estou precisando tanto conversar com você...

– Vai ter que ser outra hora. Aliás, com quem você estava falando?

– Com o Café.

– Café?!

Apontei para o gatinho.

– Diana, o gato se chama Peludo!

– Mas Café é tão fofo...

Meu irmão me olhou com incredulidade, fez um trejeito com a boca, balançou a cabeça e por fim disse:

– Não vou entrar nesta discussão.

E saiu fechando a porta do meu quarto atrás de si.



Bichano, como você é um bichinho muito sabido, imagino que já tenha concluído o que aconteceu. Porém, se você ainda tem alguma dúvida, a resposta que posso lhe dar, para a pergunta que você deve estar se fazendo aí de cima desta sua almofadona recheada de floquinhos, é sim.

Sim, eu fiquei com o Pedro. Mais do que isso, até começamos a namorar. Deste jeito, imediatamente – sem pedidos, sem aceitos. Soubemos desde o nosso primeiro encontro.

Agora eu lhe pergunto: pode uma garota de 13 anos ter dois namorados?

É óbvio que sim! Não. Não é óbvio, não é nada óbvio! E, para ser sincera, desta vez não tenho resposta nenhuma que possa dar a você. Nenhuma que seja satisfatória, nem uma qualquer.

Bem, começamos a namorar. Imediatamente foi um pouco de exagero da minha parte, mas é como se tivesse sido. Não ficamos de verdade nesse primeiro encontro – seria bem esquisito se assim tivesse acontecido – mas, depois que a Manu nos apresentou, foi a vez de ela ir para o mar, de maneira que ficamos, aí sim literalmente, entregues um ao outro.

E nos entregamos. Sem qualquer constrangimento. Como se sempre tivéssemos nos conhecido. Entramos naquele papo árvore que começa por um tronco e vai dando tanto assunto que vamos pulando de galho em galho e no final das contas ninguém sabe mais de onde a conversa veio.

Quando a Manu voltou da água, ela não entendeu nada. Nem do que estávamos falando, nem daquela intimidade que de tão absurda não reparávamos. Mas a Manu nunca teve dificuldade para se entrosar e, logo, éramos três conversando avidamente sem perceber o tempo fugir.

Quando demos por nós, a manhã já tinha ido, o sol escaldava a areia e, junto com ela, nossas cabeças. Não havia vento e a pouca brisa teimosa passava quente sem nos trazer nenhum frescor. Estava na hora de irmos embora. E fomos; eu e Manu. Do Pedro não sei. Foi dar um mergulho e, depois, não sei.

Bichano, eu não sei realmente o que está achando desta história toda porque você é um gatinho e gatinhos não falam, apenas miam e no máximo ronronam, mas vou lhe dizer uma coisa, contando assim, até para mim que estou contando, parece uma história fantástica, dessas que seres extraordinários interagem com gente comum. Porque,

sinceramente, eu não via a hora de estar a sós com a Manu para perguntar a ela, afinal, que diabos o Pedro estava fazendo ao seu lado quando voltei da água, e onde e quando e como ela tinha conhecido o garoto mais lindo da face da terra porque, até pouco antes, ele tinha passado por nós sem lhe cumprimentar e nem mesmo dar algum sinal de reconhecimento. Ela poderia me explicar, por favor? Sim. Ela podia e o fez e, ainda assim, depois de tudo que me contou, continuei a ter a exata impressão de que a vida é muito mais sem pé nem cabeça do que a ficção. Imagino que você também terá, dentro desta sua adorável cabecinha de felino, a mesma percepção que a minha quando souber o que aconteceu. Vou até resumir, viu, bichano? Porque tem coisas que nem vale a pena ficar esticando muito: coincidência. Pronto, está resumido. Uma tremenda coincidência.



Nem preciso pensar bem para te dizer, gatinho, que ninguém merece ficar no vácuo.

Porque é justamente como me sinto: no vácuo. Por isso vou te contar o mistério do Pedro ao lado da Manu; vou te contar, pois detesto não saber direito por que o meu mundo parou – o mistério do silêncio ao meu redor – e nem adianta a Florita vir me dizer que são os astros num posicionamento específico, criando um caos no meu céu, que não acredito. Recuso-me a acreditar. Pois a Pipoca é sagitariana que nem eu, e o céu dela está ótimo. Então, por que o meu não está? Tudo bem que nem sei se os astros estão sendo mesmo benevolentes com ela, pois não estamos nos falando, logo não tenho como saber, mas deve estar tudo bem, do contrário ela já teria superado esta baboseira toda de traição e teria me ligado. Pelo menos, um telefonemazinho. Pipoquinha! Você é uma tola!

Mas deixa a Pipoca para lá, bichano. Fica aqui. Eu te conto tudo enquanto te faço um cafuné. Nem tem mistério nenhum, não mais. Como te disse, foi uma simples coincidência; as coincidências sempre são simples, complexo é compreendê-las. Então, não vamos tentar compreender nada, está bem, gatinho?

Simple assim. Naquele dia na praia, enquanto eu estava no mar, a Manu encontrou uma amiga dela, Fernanda. A tal Fernanda tem uma casa em Búzios e também tem um irmão mais velho, Ricardo, que tem um amigo de infância, Pedro, que está hospedado com eles. Pronto.

Agora, por que o Pedro estava ali quando saí da água e a tal Fernanda não, vou deixar para sua imaginação de gato decifrar.

Vou te dizer o que é importante; somente o importante com mais alguns detalhes. Antes de a tal Fernanda sumir, ela e a Manu combinaram de se encontrar mais tarde. A turma do condomínio onde a garota fica tinha organizado um luau e todo mundo estava convidado.

Esta vendo só, gatinho? Poderia ser mais perfeito?

Nunca! Porque até a lua estava lá. Pode mesmo parecer evidente, já que a ideia de um luau envolve a presença da lua, mas não é, não, porque luau envolve muito mais coisas e a lua bem podia ser uma luazinha besta, tipo sorriso de gato – sem ofensas, bichano! Ainda não te vi sorrir, mas tenho certeza de que seu sorriso é lindo – entretanto, a lua que fez naquela noite foi a maior lua que já vi na minha vida. E ela surgiu cedo; esperou o sol

se pôr como que por educação. Pois quando apareceu, não foi de um jeito tímido nem discreto, não, ela veio resplandecente; uma bola gigante e alaranjada no céu.

Você já viu lua cor de laranja, gatinho? Tenho certeza de que sim, pois bichanos espertos como você costumam sair pela rua olhando para cima, principalmente em noites de lua cheia.

Por isso sei que você pode me entender, pois só felinos e poetas conseguem entender certas coisas, e essa é uma delas. Assim, quando chegou a nossa hora de ir para a rua, estava tão animada que meus olhinhos chegavam a brilhar; eu estava muito bonita, havia me arrumado com o maior capricho por conta da tal inspiração lunar.

Só que nada escapa da Manu e, naturalmente, não lhe passou despercebida minha empolgação que, lógico, ela via sem o filtro da noite, da lua e do que mais eu dissesse que fosse. A Manu sabia muito bem que o brilho nos meus olhos vinha de outra fonte de luz.

– Diana, e o Tuti?

– Está viajando.

– Claro! Eu sei que ele está viajando!

– O que você quer saber então?

– Sei lá. Você não gosta mais dele?

– Que pergunta é essa, Manu? Eu amo o Tuti!

– E o Pedro?

– Ah! O Pedro é outra história. Não tem nada a ver com o Tuti!

Foi neste momento que a Manu, me conhecendo muito bem, falou:

– Dida, você vai arrumar confusão!

Puxa, gatinho! Como eu poderia lhe dizer da melhor forma o que me aconteceu? Acho que da forma mais simples e verdadeira; acho que poderia ser assim:

Amanheci com um amor; anoiteci com dois amores.

O coração é uma cômoda cheia de gavetinhas



Gatinho... Não posso continuar a te contar nada sem antes lhe dizer uma coisa: eu percebi que você não gostou de eu te chamar de Café. Reparei porque você abaixou suas orelhinhas e jogou-as para trás, o que significa que ficou muito bravo, e não quero que fique bravo comigo; neste momento, não posso ter mais ninguém bravo comigo. E quer saber? Café não é mesmo nome de gato. Mas você precisa ter um nome legal e, agorinha mesmo, tenho um na minha cabeça que acho que é a sua cara! Difícil vai ser convencer o Bina de desistir deste negócio de Peludo, mas juro, juro que vou tentar.

Agora me diz, gatinho, me diz: quantas namoradas você tem? Não faz este charminho... Vem cá, vem! Pois, vou lhe falar, eu não tenho mais namorado nenhum! Tive dois. Os meus dois amores, o problema foi ser ao mesmo tempo. Logo ao mesmo tempo! Mas nada foi planejado, e eu nem gosto de sair por aí ficando com qualquer um; não faz meu estilo, sabe? A Pipoca é uma que adora. Veja só! Não é irônico?

As minhas férias em Búzios terminaram dez dias depois de eu e Pedro começarmos a nossa história. E de lá fui para o Rio e do Rio vim direto para São Paulo. Mas foram dez dias de sol em todos os sentidos. Depois nos despedimos. Assim: ponto, acabou. Não tanto. Mas quase isso, porque se o sonho é uma coisa que deixa a gente levitando, a realidade é uma coisa que sempre nos desperta. E, na realidade em questão, eu moro em São Paulo e o Pedro, no Rio de Janeiro, distância inviável para um relacionamento. Mesmo assim, insistimos um pouco nos falando bastante pela internet. Só que o Pedro, tal qual o Bina, também vai fazer vestibular este ano e, embora o Bina queira o curso de engenharia e o Pedro, de jornalismo, ele precisa estudar tanto quanto; talvez não tanto, mas mesmo assim é muito. Então o seu tempo está todo voltado para isso. O fato, eu acho, de morarmos longe um do outro até facilitou as coisas para ele, que passou a me chamar de bibelô. Como uma lembrança de algo amoroso, alguém precioso.

Sabe, gatinho, o que é muito engraçado? Às vezes tenho a impressão de que se o Tuti pudesse, ele me colocaria numa caixinha para brincar quando tivesse vontade; como um pequeno bibelô, como o apelido que o Pedro me deu. Uma mini-Diana guardadinha num pote

só dele. Já o Pedro nunca se incomodou com o fato de eu namorar o Tuti também, até porque quando ele chegou já tinha uma gavetinha ocupada no meu coração.

Nunca comparei os dois. Desde o início, foram tão únicos que não havia espaço para comparação. Só que agora, com esta faca no meu peito, estou tendo mesmo que pesar. Mas posso dizer? Bichano, os dois se completam. Um gosta de cinema, de livros e de filosofia. O outro é ligado em música, amigos e papo furado. Um é geminiano, o outro é taurino. Um é mais sensível, delicado e tranquilo. O outro é prático, menos evasivo, mais estressado. Um é louro, surfista. O outro é ruivo, paulista. Os dois são perfeitos! Ai, gatinho, por que não deu certo? Me sentia tão amada! Minha mãe vive me dizendo que o coração é uma cômoda cheia de gavetinhas...

Se existem tantas gavetinhas, por que então não posso ocupar mais de uma ao mesmo tempo?



Cheguei bem tranquila do Rio com meu coração em primaveras; e logo descobri que não tinha ninguém em São Paulo. Óbvio que estou falando em sentido figurado, porque a cidade estava cheia – São Paulo está sempre cheia –, só que meus amigos estavam todos viajando. Então perguntei para minha mãe:

- Mãe? Por que tive que voltar? Não tem ninguém aqui! Não tem nada para fazer!
- Porque ficar três semanas fora já está de bom tamanho, Diana!

O que mães e pais sabem de viver? Será que eles não ouvem seus próprios pais? Minha avó repete frequentemente que suas memórias são o que lhe mantém viva – os olhos, querida, os olhos são o espelho da alma e eles registram tudo que você terá para se lembrar quando for uma velhinha como eu. Diana, preste sempre muita atenção à sua volta para que você guarde o máximo possível de lembranças – suas recordações de juventude, de aventuras, de viagens, de amores e amizades, são o que lhe alimentam o coração.

Veja, bichano, quanta sabedoria! Como minha mãe pode não compreender isto?

Passados quatro dias em ócio e tédio absolutos, voltei a ter vida com a chegada do Tuti. Não havíamos nos falado desde nossa despedida no comecinho do mês e, fora uma única mensagem que trocamos no celular, não tivemos mais notícias um do outro até então – o Tuti tinha viajado com a família dele para Disney e falar pelo telefone sairia tão caro que a gente nem cogitou! –, ele chegou quinta-feira à noite e, mal entrou em casa, me ligou; e, nem bem nos falamos, já marcamos de nos encontrar no dia seguinte.

Sabe, gatinho, eu disse que cheguei bem tranquila do Rio, mas isso não é verdade; o fato é que eu me sentia mudada e, embora não tivesse dúvidas sobre o meu sentimento pelo Tuti, tinha dúvida sobre mim mesma. Quer dizer, é complicado falar sobre isso, mas eu devo assumir que conhecer o Pedro havia me modificado um pouco e eu ainda não me reconhecia por completo. Sinceramente, nem sei se algum dia a gente se conhece por completo. A Florita me falou que de sete em sete anos mudamos todas as células do nosso corpo. Isso não é incrível? E pensando bem estou muito perto de completar minha segunda rodada. Como podemos ser os mesmos se nossas moléculas são outras? Acho isso bizarro: será que felinos também trocam as células? Você se reconhece, bichano? Será que gatinhos como você sabem ao menos se reconhecer no espelho, por exemplo?

Porque até nisso eu desconfiava de mim. Olhava-me de lado às vezes para ver minha imagem refletida como por acaso e acabava vendo uma menina muito mais velha.

É, foi como se nestes dias de veranico eu tivesse crescido. Será que isso é possível? De toda forma não tinha certeza sobre o que o Tuti veria ao me encontrar. Mas a dúvida a respeito da percepção dele sobre mim durou pouco; logo na sexta nos vimos e no final das contas o Tuti não achou nada de diferente em mim além de um novo bronzeado adquirido na praia.

Para ser sincera, o Tuti também não tinha nada de diferente além de um bronzeado adquirido nos parques.



Foi no fim de semana, às vésperas de recomeçarem as aulas, que a Pipoca chegou e, assim como o Tuti, me ligou imediatamente. Estava megaempolgada com as férias que tinha tido e louca para me contar todos os detalhes que, por seu grau de animação, naturalmente envolviam algum garoto. Não deu outra. Entrou em todos os pormenores da sua vida íntima e me contou coisas que, tenho certeza, deixaria em pé cada pena da Laura. No final perguntou:

– E você? Como foi sua viagem?

– Perfeita! – respondi.

– Ah! Como você é exagerada!

– Por que eu sou exagerada?!

– Porque eu te conheço muito bem, Diana Pound. Suas férias podem ter sido ótimas, mas perfeitas só se o meu primo estivesse lá juntinho de você!

Gatinho, você já assistiu a algum filme de terror? Já sei que não; pois toda vez que estou vendo um filme qualquer, você logo se aconchega no tapete da sala e é o primeiro a ronronar.

Gatinho, você é muito preguiçoso!

Vou te explicar: quando assistimos a um filme de terror, existe sempre o momento do suspense; aquele instante que dura poucos segundos e que deixa a gente com o coração suspenso, com frio na barriga e com somente uma certeza: a de que alguma coisa vai acontecer e de que esta coisa não vai ser boa. Mesmo assim assistimos. Mas o que você deve estar se perguntando, porque é um gatinho esperto, é como sabemos que este é o momento exato que antecede a hora do susto. Pois te digo, não é só porque estamos acompanhando a história, não, o que define de verdade esse minuto preciso é a música; ou melhor dizendo: a trilha sonora. Naquela hora que a gente começa a ouvir uma espécie de tã tã tã tã que vibra num ritmo que nos faz prender a respiração.

Deu para entender por que eu queria saber se você já viu um filme de terror? Muito bem, porque quando a Pipoca afirmou que minha viagem só poderia ter sido perfeita ao lado do Tuti, eu escutei com muita nitidez a tal musiquinha... Confesso, inclusive, que demorei um pouco para reagir, o que, frente à velocidade em que ela estava, soou até um pouco estranho.

- Diana! Não acredito! Vocês terminaram?
- Claro que não, Pilar! Você está maluca?
- Sei lá! Você ficou em silêncio de repente!
- Impressão sua.

E ela retomou do ponto onde estava sobre a verdade da minha viagem perfeita só ser possível ao lado do Tuti, já que ele era o garoto que eu amava.

Oh, gatinho! O que você diria para o seu melhor amigo? Você contaria que amava duas gatinhas ao mesmo tempo? Mesmo sendo uma delas a prima ideal do seu amigo? Como você falaria que, além da gata branca, agora tinha também a gata preta? Ah... Felinos não têm problemas dessa ordem! Mas humanos sim! E me vi com um dilema danado; pois, se antes da Pipoca me ligar, eu tinha pensado em contar tudo sobre o Pedro para ela, com aquele telefonema eu estava revendo minhas certezas. No mínimo não seria o momento adequado e por isso resolvi não dizer nada. Só que eu também não podia sair concordando com uma coisa que eu afinal não concordava. Então disse:

- Pipoca, presta atenção, eu adoro seu primo, mas as minhas férias foram perfeitas. Desligamos o telefone com um pouco menos de saudades uma da outra.



②)Iha só, gatinho, esse Pateta não é lindo? Foi o Tuti que trouxe para mim da viagem dele. Quando nos encontramos, estava com o presente numa sacola e, antes de um beijo, me entregou. Eu abri e quando vi fiquei tão feliz que até saltei sobre ele. Junto tinha um cartãozinho, feito com papel de caderno, onde estava escrito: "bodas de saudades"; a mesma mensagem que recebi dia 21 pelo celular. Na época, eu respondi assim: "bodas de distância, de vento, de vagar". Depois que enviei, fiquei meio encucada pensando "será que o Tuti vai entender a poesia?". Eu estava num estado tão poético que até acreditei que seria possível viver deste jeito. Poético. Oh, bichano, pura ilusão! O mundo na prática é bem pouco poético e a poesia não tem espaço nenhum senão no papel. Puxa, gatinho, que coisa horrível eu te falei agora, não quero que pense que o mundo é assim tão opaco. Sim, é possível um mundo com poesia, na verdade ela está o tempo todo em nossas vidas; na minha, na sua; tudo é uma questão de estar com a mente livre para poder senti-la, mas uma coisa é certa, isso estou aprendendo, não dá para ficar achando que na nuvem que você vê um dragão o outro vai ver uma sereia, sinceramente, o que estou aprendendo é que enquanto vejo um dragão o outro, na maioria das vezes, só está vendo uma nuvem. Então, não se pode ficar esperando que a nossa forma de ver as coisas seja contagiosa, não. Porque, se assim fosse, quem vivesse próximo aos poetas só veria beleza, e o mundo terminaria numa grande melancolia. Estranho pensar isso, mas me parece que felicidade em excesso dá efeito colateral e, como a Flor vive dizendo, o mundo precisa de equilíbrio; então se o mundo todo fosse feliz isso não seria muito equilibrado. Eu acho. É, bichano, já te disse uma vez e repito: a vida só é simples para gatinhos como você ou cachorros como o Nestor. Aliás, cadê o Nestor? Será que o Bina saiu com ele? E cadê o Bina que nunca mais volta dessa volta?

Como eu falei, o Tuti veio me ver logo no dia seguinte da sua chegada. Passou aqui em casa para me buscar e depois fomos para o parque. Combinamos de ficar juntos até tarde para que tivéssemos tempo de matar as saudades. Eu estava um pouco ansiosa antes de ele chegar, porque não sabia direito como ia ser. Eu gostava dele, mas depois de o Pedro aparecer, tinha um pouco de curiosidade sobre como seria rever o Tuti. Porém, foi ótimo! Como disse, o Tuti não havia mudado em nada e nossas conversas fluíram como

sempre. Eu também tinha uma dúvida: se eu deveria ou não contar sobre o Pedro. No final das contas, achei que não tinha nada a ver contar. Primeiro porque o Pedro era um assunto só meu, segundo porque ainda não sabia direito como esta minha história ia ficar e, por fim, achei que se fosse para falar sobre o que estava acontecendo eu deveria fazê-lo em outro momento; não naquele dia quando ele havia justamente acabado de chegar, ainda mais com um Pateta gigante de pelúcia nas mãos. Tudo bem, o Pateta não era gigante, mas naquela hora era como se fosse, porque um Pateta cresce muito quando temos que tomar decisões; em compensação, decisão tomada, ainda que momentânea, o Pateta voltou ao tamanho normal.

No final do dia, quase de noite quando já estávamos na portaria do meu prédio, o Tuti falou:

– Di, não entendi sua mensagem...

– Hã! Que mensagem? – Ele havia me pego de surpresa, pois estávamos falando de outra coisa.

– No celular. Quando você me respondeu.

– Ah... A mensagem poética!

– Então foi poético? Na hora fiquei meio grilado. Você escreveu um negócio de distância para eu ir devagar... Achei que você estava noutra. Sei lá. Bobagem minha.

– É. Bobagem sua.

Está vendo só, bichano? Não fiquei encucada à toa! Afinal o Tuti não viu apenas uma nuvem, embora o que tivesse visto também não fizesse nenhum sentido... Só que de alguma maneira que não sei explicar como, ele captou meu estado de espírito que, a propósito, na ocasião estava bem solto. Como pode? É tão confuso! Porque nem eu mesma suspeitava que pudesse estar passando qualquer recado para ele; nem mesmo nas entrelinhas! Ouviu, gatinho? Nem nas entrelinhas! Até porque eu não estava. Ou pelo menos, não conscientemente.



Quando, às vezes, eu paro e penso em todos os sinais que a vida foi me mostrando e que apontava para a situação em que me encontro agora, eu me pergunto: será que existe destino? Não sei se consigo acreditar nisso completamente, pois também sou do time que acredita em coisas concretas! E concreto para mim são nossas escolhas e ações. Acho mesmo que todo dia fazemos uma escolha e que, a partir de cada uma delas, vamos traçando o nosso mundo. Sim! Porque como meu pai diz, cada vida é um mundo, um universo com todas as dúvidas, todos os erros e acertos que fazem parte do cotidiano de qualquer ser humano normal; acho que isso faz todo sentido. A Florita me ensinou que a toda ação corresponde uma reação da mesma força em sentido contrário. Princípio básico da física. Eu também acredito muito nestes princípios científicos. A ciência me parece uma coisa muito concreta. Ao mesmo tempo, como posso negar a concretude das previsões astrais se todas, absolutamente todas, se encaixam com perfeição na minha vida? Por isso, ainda que eu me veja carregando a bandeira da ciência com o maior dos mastros no ombro, devo admitir, estou bem com vontade, aliás, com uma vontade enorme, eu diria, de voltar no restaurante chinês só para comer outro biscoitinho; só para me dar outra chance de receber uma profecia mais afável, porque olhando para minha sorte pregada no meu quadro de fotos, fico até desconfiada dos acontecimentos subsequentes – é, gatinho, parece uma afirmação esquisita, mas não é, não! Pensa bem! Vai, bichano fofo, pensa comigo: se a realidade em que me encontro agora é exatamente a que veio no papelzinho, será que não foi o papelzinho em si que a desencadeou? E pensando assim, outro papelzinho não poderia desencadear algo melhor e menos confuso para mim?

Sua determinação e seu espírito livre lhe abrirão portas para escolhas difíceis.

Lembro como se tivesse sido ontem o comentário do Tuti, falando que meu jeito maluco me deixaria numa enrascada. Pois bem, aí está a enrascada! Mas jeito maluco, não! Já com a determinação e o espírito livre eu concordo; tenho mesmo este

temperamento fioso que tem tudo a ver com o meu signo, ascendente, sol, lua e todos os dispositivos zodiacais. Mas precisava das escolhas difíceis? Minha escolha havia sido tão simples! Amar os dois. Oh! Gatinho!

– Você continua falando sozinha aí, Diana?

– Bina! Aonde você foi?

– Fui dar uma volta com o Nestor.

– Cadê ele?

– Na cozinha, bebendo água. Fomos longe. Ficou morto de cansaço!

– É, eu percebi que você demorou!

– E você? Não saiu deste quarto? Estava no telefone?

– Não... Estou contando minha saga para o Rufino.

– Não vou nem perguntar...

– Não precisa. O Rufino é o ex-Peludo.

– Diana, me faz um favor, desiste dessa ideia de mudar o nome do gato!

– Você não gostou de Rufino?

– Não é uma questão de gostar ou não; ele já tem um nome!

– Puxa, Bina! Desde quando Peludo é nome? Mas relaxa, olha só para ele, acho que também não gostou de Rufino...

– Diana, desiste.

– Nunca! Peludo é um adjetivo! Ele merece um nome de verdade. Aonde você vai?

– Vou tomar banho. Fiquei todo suado.

– E quando a gente vai conversar?

– Quando você parar com essa mania de trocar o nome do gato.

– Então vai ser jamais!

– Toma jeito!

Saiu e foi direto para o banheiro.

Está vendo só, gatinho? Ainda bem que você está aqui do meu lado, assim pode ver com seus próprios olhos como o Bina é cabeça dura. Mas não tem nada, não. Eu também sou. E por isso estou tão indignada de a minha escolha fácil ter sido transformada de um jeito externo a mim em uma escolha difícil. Porque estava tudo bem, diria mesmo, tudo ótimo, até as aulas voltarem.



Não é incrível como o tempo pode ser uma coisa subjetiva? O que são dez dias para você? Pois vou te dizer, para mim é o céu e o inferno. Dez dias podem ser o período mais curto do mundo ou o mais longo e infinito ou, ainda, tudo junto. Porque os dez dias que eu passei com o Pedro em Búzios foram assim: curtos e longos. Muito curtos, pois não víamos os dias passarem, e longos, porque ficamos tão grudados que se eu somasse os quatro meses do meu namoro com o Tuti não chegaria nem ao pé do total de horas que fiquei com o Pedro. Porque uma coisa é namorar se vendo um pouquinho, uma ou duas vezes por semana, e outra é passar o tempo todo juntos sem ter mais com o que se preocupar. Por isso te digo, gatinho fofinho, que eu e o Pedro tivemos mesmo uma coisa muito especial. Naqueles curtos dez dias, nos conhecemos de uma maneira que nunca conheci ninguém; nem sei explicar como, porque este tipo de coisa não é científica embora tenha sido bastante concreta.

Depois, quando voltei para São Paulo e reencontrei o Tuti, foram dez dias de sol. Eu ainda estava no frescor do meu namorico com o Pedro e de repente sem que nada tivesse sido planejado, até porque nada disso nunca foi planejado, me vi com dois namorados perfeitos que eu amava e que me amavam. Não é lindo? Mas aí veio aquele provérbio popular e pra lá de pessimista: o que é bom dura pouco. E meu límpido céu azul encheu-se de nuvenzinhas negras numa rapidez horrível; logo em seguida estouraram raios e trovões, período muito ligado a Marte, e agora estou no inferno completo, de novo, há dez dias. Dez longos dias.

O que você deve estar se perguntando, porque é um gatinho curioso, é afinal por que tudo deu errado. Eu te confesso, bichano, que também me faço a mesma pergunta e, embora a resposta do porquê eu não saiba dar a você nem a mim mesma, contar como foi eu sei direitinho e posso lhe dizer; só não disse antes porque é uma história terrível, e ao mesmo tempo que quero resolvê-la também quero esquecê-la.

Oh, gatinho, você deve estar pensando aí na paisagem da janela o que pode ser tão terrível! O que seria terrível para um bichano como você? Não sei lhe responder, até porque a primeira coisa que me passou pela cabeça foi abandono; e nem sei realmente se um abandono seria algo verdadeiramente dramático para um felino; pois os felinos são seres tão independentes que me dão sempre a impressão de que estão exatamente onde

gostariam de estar. Acho os gatos muito livres. Acho sim.

Mas, e o que pode ser tão terrível para alguém como eu que não tem rabo, nem orelhas peludas, nem unhas afiadas?

A dimensão humana. Sei que é muito complicado para você entender do que estou falando, só que não é nada além disso: a dimensão humana. A que ponto uma pessoa pode chegar, levada por qualquer sentimento.



Qual é o propósito do acaso? Será que existe algum propósito no que se chama de sina, sorte, fado e sei lá mais o quê? Não, não é possível que os fatos não ocorram como consequências simples de ações; ao mesmo tempo, tudo parece ser tão sem sentido que fico me perguntando a toda hora: afinal, existe um destino que não escolhemos, ou não? Qual o propósito das situações imprevisíveis?

Porque o que aconteceu não estava nos meus planos. Não mesmo! E, de novo, gatinho, o que poderia te dizer senão que foi mais uma tremenda coincidência no rol das tantas coincidências que têm sido tão recorrentes na minha vida?

Voltei às aulas em uma segunda-feira ensolarada, e minha primeira semana de escola não foi diferente de nenhuma outra; rever os amigos e receber um bando de lições de professores ávidos por nos enquadrarem novamente. Volta às aulas e volta à rotina de deveres e vida social. Começaram as aulas e junto com elas as festas, os aniversários e as fofocas.

Reencontrei a Pipoca logo na chegada e não conversamos mais sobre as férias; nosso último telefonema tinha deixado uma rusga que sabíamos que não valia a pena desenvolver, e éramos muito boas nisso. Tínhamos uma qualidade admirável de virar a página e olhar para a frente. Tínhamos... porque qualquer um pode notar que a Pipoca perdeu o atributo dela; ela não percebe que está completamente estacionada num parágrafo de um livro gigante. Oh, Pipoquinha! Por que você não vira a folha? Que chata!

Volta às aulas e volta ao dia a dia. O Tuti continuou me buscando de vez em quando na saída da escola e, enquanto seguíamos apaixonados, no meu quarto de noite eu ficava horas a fio falando com o Pedro na internet. De maneira que, sem que nada precisasse ser dito nem definido, fui levando meus amores adiante. Havia me decidido a não tocar no nome do Pedro em São Paulo, para mim ele já era um amigo com quem eu trocava ideias ótimas e que respeitava o nosso estranho relacionamento repartido e distante; sem ciúmes, sem cobranças. E assim foi meu lindo início de semestre com o coração palpitando mais do que o normal. E foi assim, quando tudo estava perfeito sem que nada de ruim pudesse me acontecer, que entrou na história a tal da coincidência. Uma má coincidência que abalou todo o equilíbrio do meu mundinho perfeito.

Vou resumir, bichano, só que, por favor, nem tente entender. Porque a vida, como já

disse a Clarice Lispector, por muitas vezes supera qualquer chance de compreensão.

Resumindo então: tem uma garota da minha escola que é apaixonada pelo Tuti – e eu nem sabia disso. Olha só que absurdo! Parece que ela gosta dele, ou diz que gosta, tanto faz e eu nem sei de onde ela o conhece; o fato é que o mundo é um ovo de codorna e, além dessa garota ser a fim do meu namorado paulista, ela por alguma razão, que eu nem quero saber, tem a amiga da Manu, a tal Fernanda de Búzios, adicionada nos contatos de web dela, e daí que é só fazer as contas: $2 + 2 = 4$.

OK. Gatinhos não são bons de matemática e vou te ajudar na lógica do problema.

A garota viu, na página da Fernanda, as fotos do luau de julho e, naturalmente, me reconheceu bem agarrada no Pedro... Já deu para imaginar o que aconteceu? Não? Então vou te falar, ela simplesmente, gatinho, simplesmente, fez pose de ingênuo e foi perguntar para o Tuti se havíamos terminado, ao que ele obviamente respondeu:

– Não... Por quê?

E nem preciso dizer mais nada.

Deusa da caça




Agora eu lhe pergunto, bichano: por que diabos alguém promove a infelicidade alheia se esta pessoa não vai ganhar absolutamente nada com isso? Porque estava na cara que o Tuti gostava de mim. E para que, então, destruir nossa harmonia? É aqui que entra a tal da dimensão humana, viu, gatinho? Porque as pessoas são capazes de perder completamente o senso ético por uma causa que não existe. Pois bem, já sei, já sei... Não me olha com estes olhinhos gigantes, com cara de quem não entendeu uma só palavra do que eu disse! Vem cá! Vem, bichano, você nem sabe o que é senso, muito menos senso ético, né? Vem, gatinho, porque você é um bichinho tão fofo e tem sido tão paciente comigo que merece mesmo saber de tudo, viu?

Senso quer dizer sentido, entendimento; saber julgar. Ético vem de ética, que quer dizer os princípios que orientam o comportamento humano; basicamente, o respeito que devemos ter um pelo outro. Caramba! É difícil de explicar! Porque ética, gatinho, é algo tão essencial que chega a ser surpreendente pensar que não nascemos com ela. Por que não temos ética no DNA? A resposta é simples: porque a minha ética pode não ser igual à sua; simples assim. É coisa que só aprendemos no dia a dia. Mas toda sociedade tem uma ética básica de qualidade de ser, pensar e agir e, definitivamente, aquela enxada fazedora de intriga não tem nem ideia da existência do latim, muito menos da minha querida ética e, com certeza, ela nunca leu Mafalda!

Oh, bichano, como o mundo pode ser tão terrível? E como o Tuti pôde ser tão toco?

Porque se você acha que ele desconsiderou aquela monstra, está muito enganado! Eu sei, gatinho! Sei que você não acha nada disso. Ele não desconsiderou nenhuma palavrinha da menina má e ainda por cima acessou a página com a minha foto, e ainda por cima ligou para a Pipoca. Resumindo: fez tudo errado.

Quando ele me telefonou, a Pipoca já tinha me ligado, a escola inteira já sabia, e até o Pedro do Rio, que de certo ângulo não tinha nada a ver com isso, já havia me passado um e-mail de quase condolências! Ou seja, ele conseguiu me tirar do sério. E, para completar, meu horóscopo da semana dizia:

 MARTE, EM SEU SIGNO, TRAZ ESTRESSE PARA O DIA A DIA. FIQUE ATENTO. EXIGÊNCIAS SE DUPLICAM AO SEU REDOR. CENÁRIO ASTRAL TENSO TE DEIXA UM POUCO AGRESSIVO. TEMPERATURA ALTA NÃO FAVORECE O AMOR. COMUNICAÇÃO COMPROMETIDA.

É necessário dizer mais alguma coisa?

Desculpe-me, gatinho, sei que você já entendeu tudo, mas preciso desabafar. Porque às vezes já nem sei mais se entendo o que entendo. Eu sei que não é necessário explicar mais nada. Sei que não é preciso contar que quando o Tuti me ligou eu falei muita coisa para ele. Coisas que nem quero repetir aqui. Porque as palavras podem ser muito corrosivas. Mas, também, o que ele me disse eu não tenho coragem de contar nem para o meu pai! Para você, sim, gatinho, para você eu posso falar; mas não diz para ninguém, está bem? Nem mesmo ronrone esta história, pois me deixou muito magoada. Foi no auge da discussão – porque o telefonema virou uma discussão, após ele me acusar de traidora – sim! traidora! –, ele disse exatamente estas palavras, assim mesmo:

– Diana. Você merece o seu nome! – E com desprezo concluiu: – Diana, a deusa da caça!

– Pois vou lhe dizer uma coisa, Arthur Cabrini, além de você estar sendo muito grosseiro comigo, ainda por cima está dando uma tremenda demonstração de ignorância! Se estudasse um pouquinho mais, só mais um pouquinho, saberia que não tem ninguém mais casta que Diana, a deusa, e agora já chega, porque esta conversa foi longe demais! Passar bem!

E desliguei. Com lágrimas escorrendo pelo meu rosto quente de raiva. Desliguei.

Diz para mim, gatinho, não é um final tenebroso para uma historinha tão linda? Dá uma tristeza gigante no coração pensar que dentro de poucos dias iríamos comemorar nossa boda de quatro meses; pensar que nossa boda aconteceu antes da hora; pensar que foi nossa boda de separação.



No dia seguinte da briga com o Tuti, liguei para a Pipoca. Era um sábado e queria convidá-la para sair; eu estava muito chateada e precisava como nunca de uma amiga que pudesse me escutar, aconselhar e, eventualmente, me dizer como eu era legal e superior a todas aquelas confusões. Estava muito triste mesmo, no fundo eu gostava do Tuti de verdade; de verdade, nunca tinha deixado de gostar, só meu coração que havia se estendido na capacidade de amar. Liguei para ela com esperanças de que me ouvisse e aceitasse as circunstâncias de uma forma isenta. Mas não. Ela não aceitou circunstância nenhuma. Estava era muito danada da vida, se sentindo traída por mim. Por quê, gatinho? Porque ela acreditava mesmo naquele negócio de eu ter que contar tudo da minha vida para ela e, no auge dos descatos, falou mal até da Laura. Coisa que muito me ofendeu, já que ela nunca tinha lido o livro da Clarice Lispector e, por isso, não podia sair xingando desta forma uma galinha que nem conhecia. No fim das contas, se estendeu tanto naquele nhe-nhe-nhem que até inverteu as coisas. Despediu-se de mim, sentindo-se uma vítima daquela história que não era dela.

Entre as sabedorias que a minha avó sempre repete, bichano, tem uma que veio muito a calhar naquele momento: nunca tenha pena de si mesmo. Pois a Pipoca encerrou o telefonema com muita pena de si própria e, assim, eu fiquei com muita pena dela também. Fiquei mesmo! Com uma peninha de galinha.

A semana seguinte na escola foi a pior da minha vida. Porque, mesmo eu passando o recreio com outros amigos, ficou muito incômoda toda aquela situação. Acabei optando por me refugiar nas aulas, prestando mais atenção nas falas dos professores do que o normal. Na quarta-feira, 21 de agosto, me lembrei do Tuti; desde a sexta-feira anterior não havíamos mais nos falado. Não que eu o tivesse esquecido, muito pelo contrário, parece que é quando estamos chateados que a coisa não sai da nossa cabeça mesmo. Mas também não sentia nenhuma vontade de procurar por ele; de vê-lo sim, mas de procurá-lo, não, porque ele tinha sido muito mal-educado comigo.

Sabe, gatinho, devemos sempre ter muito cuidado com o que falamos ou miamos para o outro, porque às vezes as palavras ficam bastante sem perdão.

Todo mundo aqui em casa já sabe dessa história dos dois namorados, que só não tem causado maior polêmica porque resolvi sair de cena. Não aguento mais ter de ficar

fazendo defesa de nada e por isso achei que a melhor forma de não polemizar era me retirando da berlinda literalmente. Mas quer saber, gatinho? Não sei se estou suportando mais toda essa pressão, todo esse princípio básico de ação e reação da física, e acho mesmo que já está na hora de sair do meu quarto, abrir mão dessa doce solidão, acho mesmo. Preciso conversar com alguém que possa me dar conselhos de verdade – oh gatinho, não me olhe deste jeito... –, é porque você nem sabe falar! Mas tenho certeza de que se soubesse me diria as coisas mais certas do mundo, pois você bem sabe o quanto sei que você é sabido. Sei sim. Mas acho, de verdade, que está na hora de uma conversa de gente. Concorda comigo?

Tempo ao tempo



Qual é a questão relevante?

– Como assim, pai? Que questão? Tudo é relevante!

– Não, minha filha, noventa e nove por cento é abobrinha; um por cento é relevante. Qual é a questão?

– Pai! Por que você fala desse jeito?

– De que jeito?!

– Com este negócio de questão relevante! Já te disse: tudo é relevante. Pergunta para a Florita.

– Diana, a Florita fala da relevância em um plano macro e aqui estamos falando num plano micro, objetivamente, o que está te incomodando.

– Mas pai! O que está me incomodando é macro! Estou macroincomodada. E, já que estamos superlativando, vou te dizer: é megachato estar isolada, é megarruim não poder conversar com minha melhor amiga e, por fim, é megadesagradável ficar sob um julgamento injusto de todos que me rodeiam!

– Didi? Você não está “megaexagerando”?

– Não.

– Então vamos por partes. Quem são estes “todos que te rodeiam”?

– Você, a mamãe, o Bina, a Pipoca, o Tuti, a Manu, o Pedro... o Nestor e o Anísio.

– Quem é Anísio?!

– O gato, pai!

– Bom... Isso você vai ter que negociar com o Bina, pois ele chama o gato de Peludo.

– Eu sei. Horrível, você não acha?

– Não importa, o gato é dele. Diana! Foco! Voltando às pessoas que te rodeiam: eu e sua mãe, por exemplo, não estamos te julgando.

– Mas vocês não falam mais comigo!

– Não é verdade. Isso é maluquice da sua cabeça. Você já parou para se perguntar sobre a gente? Estamos trabalhando à beça e sempre que podemos ficamos com você e seu irmão. Mas você não tem facilitado. Quase não sai do seu quarto.

– Talvez.

– Quanto ao Bina, é outro ocupadíssimo. Está estudando que nem um maluco. E ele

está certo! Pois é o único jeito de passar para universidade que ele quer.

– Pode ser.

– O Nestor é um cachorro!

– Que não abana mais o rabo quando entro em casa.

– Pelo amor de Deus, Diana! É um cachorro e está ficando velho... Já o gato, ou Anísio, ou...

– Tira ele da lista; é o único que tem me escutado.

– E eu não?

– Mais ou menos.

– Ok. Enfim! De todos sobrou a Manu, que agora mora no Rio e não faço ideia de por que não está te ligando...

– Porque ela está em provas.

– Ah! Então! Só restou a Pipoca, o Tuti e esse Pedro que não conheço.

– Viu?

– Viu o quê?!

– Você já julgou.

– Julguei o quê, Diana?

– O Pedro! O jeito que você falou: “esse Pedro que não conheço”.

– Mas eu não conheço mesmo!

– Eu sei, pai. Mas você podia falar de outra maneira.

– Que maneira, Di? Eu não o conheço e pronto. E, desculpa, estou pouco me lixando para esse garoto, estou preocupado é com você. É você quem me importa, é quem está tristinha e eu não gosto de te ver assim.

– Eu sei, pai. Mas o Pedro é legal, você ia adorar conversar com ele.

– Bem. Mas eu não o conheço e, concluindo, sobrou a Pipoca e o Tuti.

– A Pipoca, entre outras coisas, tomou as dores do primo.

– E o Tuti ficou chateado com toda razão, não é, Diana?

– Toda a razão é um pouco demais.

– Você acha?

– Acho. Porque ele também fez tudo errado: o jeito como ele soube, o jeito que ele veio falar comigo e o jeito como ele tratou a situação. Ele disse que foi uma traição. Uma traição, pai! Eu não sou uma traidora.

– Ok. Diana, você não é uma traidora; esta palavra é horrível mesmo. Mas, presta atenção, temos que assumir as consequências do que fazemos. E, também, não podemos exigir que os outros deem aquilo que não podem dar.

– Só que eu não estou exigindo nada, pai!

– Está sim, Diana. De certa forma, você está exigindo que o Tuti aceite que você esteja com outra pessoa além dele, e não sei sinceramente se você toparia se esta situação fosse invertida.

– ...

– E mesmo que você topasse, Diana, você não pode obrigar os outros a pensarem do mesmo jeito.

– Se você estiver certo, o que eu faço?

– Seja mais flexível e relaxe. Viva a vida, minha filha.

– Estou tentando.

– Dê tempo ao tempo, Diana.

– E a Pipoca? O que eu faço com ela?

– A Pipoca está na parte daquilo que cada um pode dar. Dê um tempo a ela também e, enquanto isso, faça novos amigos.

– Não é tão fácil assim.

– Nunca é.

Durante toda a conversa, estávamos na sala, eu e meu pai, sentados nas cadeiras da mesa de jantar; num primeiro momento, nós dois sozinhos; numa segunda parte, minha mãe chegou, aproximou-se e só ouviu. E por fim, quando me levantei ela disse:

– Não quer falar mais?

– Não.

– Você já está melhor?

– Acho que sim.

– Nunca tenha dúvida, minha filha.

– Do quê?

– De que estamos sempre do seu lado.

– Eu sei. Obrigada, valeu!



Sabe, gatinho, depois do dia em que enchi suas lindas orelhinhas peludas com as minhas histórias, já se passou tanta coisa! E você nem desconfia, né? Pois vou lhe contar tudinho, tim-tim por tim-tim, porque não acho nem um pouco justo você não saber de nada do que aconteceu.

Na manhã seguinte daquela sexta-feira, tive um fim de semana perfeito, daqueles que eu já estava achando que não teria nunca mais!

- Diana? O que você queria falar comigo?
- Bina! Topa ir ao cinema?
- Qual filme?
- Não sei, a gente pode olhar no jornal.

Pois é, foi assim mesmo. Demorou tanto para o meu irmão arrumar um tempinho na agenda lotada dele que, no final das contas, nem quis falar mais nada sobre mim; minha tarde com você e minha conversa com o meu pai já havia me lotado do assunto "eu" e, finalmente, me senti completamente livre para entrar em outros repertórios. O Bina também já estava por aqui com as malditas apostilas, e acabou que o cineminha foi muito melhor do que a gente imaginava.

Esta semana foi mais tranquila do que a passada e, embora, eu sinta que o meu dia a dia ainda não esteja tão normal assim, as coisas parecem estar caminhando; não sei bem para onde – mas vou te dizer uma coisa, gatinho, melhor a vida andando a esmo do que parada, sabia? Porque é muito curioso observar como a vida responde à gente. Quando estou bem irritada, parece que o mundo percebe e faz de tudo só para me deixar mais furiosa! É como se o acaso tivesse inteligência própria e pregasse peças o tempo inteiro, me provocando e testando meus limites. E todo esse estresse que eu vivi me levou mesmo a um limite, viu? Em compensação, logo que comecei a relaxar e ver as coisas por novos ângulos, tudo em volta adquiriu um astral favorável como se nunca tivesse havido tempestades!

Só que houve! E, embora tenham acontecido, me decidi por fazer aquilo que aprendi a fazer melhor: virar a página.

Mas que o universo conspira com o vento, ah, conspira! Isto é fato. Porque é impressionante ver como tudo sempre acontece ao mesmo tempo. Ontem fui pega de surpresa na saída da aula. Ninguém mais ninguém menos que o Tuti estava no portão da

escola. Ainda não havíamos nos falado desde aquele telefonema feio e triste, e vê-lo assim, sem eu estar esperando, me deixou um pouco agitada por dentro. Não sabia nem se devia cumprimentar ou passar direto por ele. Mas se eu tinha alguma dúvida, então, esta dúvida era só minha, porque o Tuti parecia ter bastante certeza do que viera fazer ali. Tão logo me viu, veio até a mim e com uma voz mais baixa do que o costume perguntou se eu topava sair para almoçar. Ele queria conversar. Topei, também com uma voz mais baixa do que o costume, e andamos em silêncio até chegar a qualquer lugar que tivesse duas cadeiras e alguma coisa para comer. Sentamos em uma padaria que fica entre a escola e o meu prédio.

Sabe, gatinho, nem vou entrar nos detalhes do que ele falou, porque acho mesmo que já contei detalhes demais da minha vida, mas sobre o aspecto geral do encontro eu posso dizer.

Ele se desculpou pela forma como havia falado comigo e também se desculpou pela forma como havia tratado o nosso caso. O Tuti é muito gentil e, para dizer a verdade, aquilo não me causou surpresa nenhuma. Surpresa havia me causado antes, quando ele se mostrou uma pessoa que eu não reconhecia. Desculpei-me também; a ideia de ser mais flexível sugerida pelo meu pai fazia muito sentido e me fez sentir melhor. Realmente não se pode sair por aí impondo as coisas para as pessoas, ainda mais quando são pessoas que gostam da gente. No fim, ele disse que gostaria de tentar de novo, naturalmente sem o Pedro ou qualquer outro. Sorri para ele. Era óbvio e tudo estava claro. Além do quê, o Pedro já tinha entrado na categoria de amigo há muito tempo. Quer dizer, não tanto tempo, mas mesmo assim tempo suficiente para eu entender que tinha sido um amor de veranico.

Eu te confesso, gatinho fofinho, que a declaração dele fez meu coração saltitar! Mas só no primeiro instante, porque sinceramente acho que se tem uma coisa de que não preciso agora é justamente de um namorado! Acho mesmo. Tudo bem que ficarmos juntos foi ótimo e que aprendemos um bocado um com o outro, mas me parece que ainda sobram algumas coisinhas do nosso namoro que precisamos mastigar; dos dois lados.

Ou talvez, simplesmente, apenas não seja a hora.

Eu disse isso tudo para o Tuti e disse o quanto gosto dele – o que é verdade –, mas disse também que talvez aquele fosse um bom momento para darmos um tempo para nós mesmos.

Ele sacou tudo. Não que tenha ficado exatamente satisfeito com aquilo, mas entendeu ou, pelo menos, se não entendeu também não demonstrou.

Para sua informação, gatinho, hoje é 1º de setembro e, às vezes, saber que um novo mês está começando é muito estimulante, eu diria mesmo mais do que perfeito, quando

tudo o que se quer é ter uma folha em branco nas mãos para dar início a outro começo, nem que esta folha seja apenas a do calendário! Porque se antes eu falei que a culpa era toda de Marte, depois de tudo que te contei, posso afirmar que a culpa foi de Marte, sim! Mas apenas em parte! Pois nunca podemos nos basear em uma verdade absoluta – tenho certeza de que se o Tuti estivesse contando esta história, a versão dele seria outra! – Só que isso nem interessa mais! Até porque estou com o jornal agorinha mesmo nas mãos e meu horóscopo diz:



A LUA CHEIA DE HOJE ILUMINA COM ÓTIMA DOSE DE CONSCIÊNCIA, PROPICIANDO ESCOLHAS ACERTADAS E FELIZES. APROVEITE A BOA FASE! UMA VERDADE SAÍDA DE DENTRO DO CORAÇÃO LIBERTA VOCÊ PARA SEGUIR ADIANTE.

Está vendo só, gatinho? Os astros misteriosamente continuam sabendo tudo sobre mim! Não é incrível? E, me perdoe a física, mas não dá para apostar que tantos acertos sejam pura coincidência!

Só que agora eu me sinto diferente, não sei nem explicar direito; só sei que de alguma maneira toda esta história me modificou por dentro; parece mesmo que não vivemos nada à toa e que no final das contas o que vale não são só os momentos legais ou tristes que passamos, mas aquilo – isto que não consigo explicar direito – que levamos para sempre dentro da gente. E o mais importante disto tudo é que eu descobri que a melhor coisa a fazer é seguir em frente com a certeza de que a minha vida eu escolho todo dia. Mesmo que alguém me diga antecipadamente o que vai acontecer!



Agradecimentos

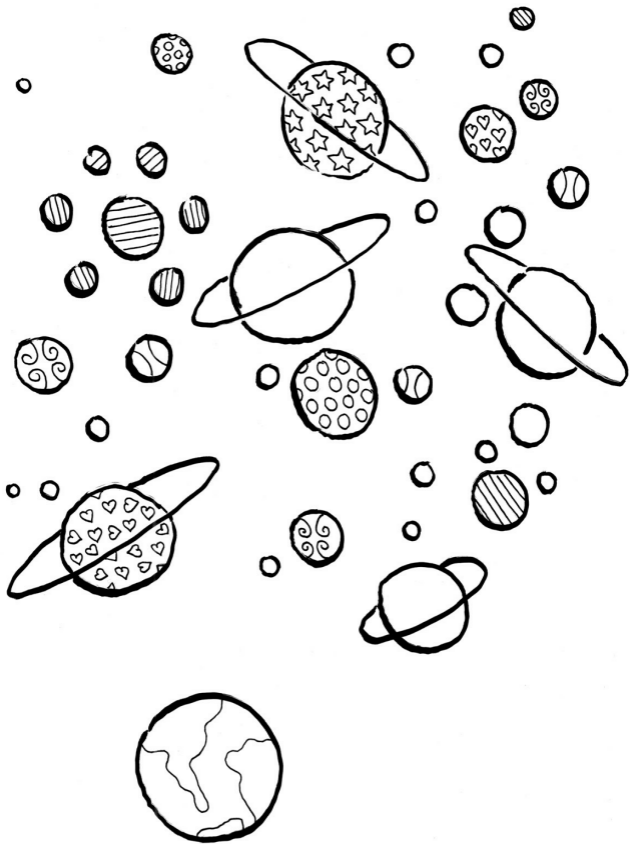
A minha prima Mariana por me apresentar às previsões da astróloga Barbara Abramo.

A Barbara Abramo por me inspirar com suas estrofes astrais e cedê-las para o livro!

A Lilo por tudo, inclusive pela paciência.

A Clara, Otavio, tia Alice, Andrea, Monica e Luiza.





Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Conversão para E-book

Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B898c

Browne, Paula, 1966-

A culpa é toda de Marte [recurso eletrônico] / Paula Browne. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

recurso digital: il. color.

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de Acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-039-0 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

12-2678.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



PAULA BROWNE é carioca e atualmente mora em São Paulo. No Rio, estudou pintura e se formou em moda. Em São Paulo tornou-se escritora e ilustradora das muitas histórias que ela própria inventa. Paula adora cachorros e gatos, gosta de praia e montanha, comida chinesa e milk-shake. Ela é geminiana! E lê diariamente a coluna de horóscopo do jornal!